

SÓ CARIOQUICES

por FRED SOARES (@FREDAOSOARES)



Fred Soares

História e tradição da cidade resumidas num sorriso

Seu Danilo vende acarajé na calçada da Rua Riachuelo, ali perto do Bairro de Fátima. Não é ponto turístico. É calçada do Centro, com o barulho de sempre, o ônibus passando, a cidade fazendo o que a cidade faz. Mas quem passa por ele sai melhor do que chegou. Ele tem um sorriso que não cobra nada. Ser-

ve o bolinho do mesmo jeito que se recebe uma notícia boa. Demorei para entender o que me emocionava naquilo. Não era o dendê. Era perceber que o tabuleiro dele carregava a cultura de uma cidade que insiste em não abandonar as suas tradições. A Riachuelo não se chamava Riachuelo. Era a Rua de Matacavalos, nome que vinha dos atoleiros que arrebetavam com os animais na travessia. Foi ali que Machado de Assis instalou a casa de Bentinho e de Capitu. Só depois da batalha naval de 1865, contra o Paraguai, é que a rua trocou de nome e ganhou ares de vitória.

Era rua de gente rica do Império. E na frente dessas casas passavam os tabuleiros. As chamadas negras de tabuleiro aparecem em documentos brasileiros desde 1591: a referência é do historiador Luiz Mott. No fim do século XVIII, o Rio de Janeiro tinha 322 registros de barracas e vendas de quitandeiras, contra 196 tavernas e 140 mercados de fazendas, panos e sedas. O levantamento é do antropólogo Fernando Vieira de Freitas. Ou seja: enquanto a Corte se ocupava de seda, a cidade comia da mão de mulheres negras.

Muitas eram escravizadas de

ganho. Entregavam aos proprietários quase tudo o que faturavam, e ficavam com o restante. Com esse resto, compraram alforrias. A própria, a dos filhos, a de quem estivesse por perto. É possivelmente a coisa mais bonita que alguém já fez com um troco.

Nunca foi em paz. As quitandeiras eram acusadas de sujeira, de desordem, de atrapalhar a passagem. As palavras eram exatamente essas. Atravessaram a Colônia, o Império, a República e as sucessivas ondas de modernização da cidade na sua busca incessante de sepultar as tradições da cidade.

A Riachuelo
não se chamava Riachuelo. Era a Rua de Matacavalos, nome que vinha dos atoleiros que arrebetavam com os animais na travessia. Foi ali que Machado de Assis instalou a casa de Bentinho e de Capitu

Uma dessas mulheres chegou ao Rio em 1876, vinda de Santo Amaro da Purificação, com 22 anos e uma filha. Hilária Batista de Almeida. Montou tabuleiro no Centro, vestida de baiana, filha de Oxum, num tempo em que candomblé era caso de polícia. O Brasil viria a conhecê-la como Tia Ciata.

Da casa dela, na Visconde de Itaúna, ao lado da Praça Onze, saiu

“Pelo Telefone”, de Donga, registrado em 1916 como o primeiro samba. Ciata sempre disse que aquilo não tinha dono, que era criação coletiva. Tinha razão, e ninguém ouviu. Repare no detalhe: o samba nasceu do lado de um tabuleiro.

Em 2023, o Rio sancionou a Lei 10.157, que declara a produção e a venda de acarajé patrimônio de valor histórico e cultural do estado. Teve baiano enciumado com a Lei. Acusaram-nos de apropriação cultural. Mas a lei não estava tomando nada de ninguém. Estava reconhecendo, com uns quatro séculos de atraso, uma coisa que já estava na calçada, à vista de todos.

Porque é isso que o Rio faz. Perde tudo, mas insiste em guardar algo de valor. Derrubaram o Morro do Castelo inteiro. Derrubaram a Praça Onze para abrir uma avenida. E mesmo assim, numa calçada da Riachuelo, existe um homem fritando feijão-fradinho no dendê, a receita que atravessou o Atlântico no pior navio do mundo e chegou aqui inteira. Não sobrou muito do Rio antigo. Sobrou o suficiente.

Da próxima vez que você descer a Riachuelo, para. Come um. Dê boa noite ao seu Danilo. Você vai estar cumprimentando muito mais gente do que imagina.